

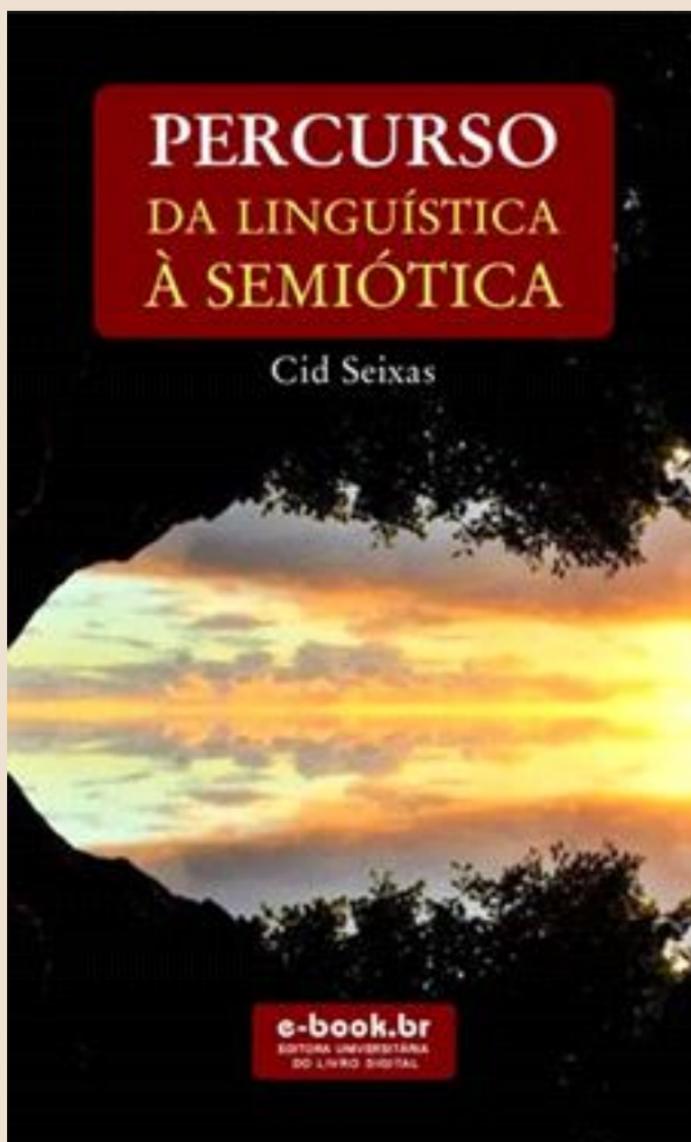
---

# INTRODUÇÃO AO LIVRO PERCURSO da linguística à semiótica

---

*Cid Seixas*

O livro que ora se publica resulta do curso de Semiologia da Cultura que tive oportunidade de ministrar na Biblioteca Central do Estado da Bahia, no início dos anos oitenta (há quase quarenta anos, portanto), material este que deu corpo ao texto do livro *O que é semiótica*, anunciado para publicação pela Editora Brasiliense.



Nesse ínterim, o livro que integraria a Coleção Primeiros Passos foi substituído pelo trabalho de uma conceituada semióloga peirceana e professora da PUC, sendo-nos apresentada a alternativa de, em seguida, publicar o texto, como uma segunda visão do tema, de natureza divergente, como era, de fato, com o que na época não concordei, mantendo os originais inéditos.

Hoje, vencidos os melindres da juventude, reconheço o erro de ter deixado o trabalho inédito, ao ser preterido por outro de maior aceitação, numa editora de grande prestígio na segunda metade do século vinte.

Na presente edição, adotou-se parte do título escolhido para a introdução original do trabalho, “Um

Percurso da Linguística à Semiótica”, que expõe melhor os objetivos e conteúdos do pequeno livro propedêutico.

É o texto que passamos a transcrever a partir deste ponto.

Dividido em seis capítulos, nosso percurso é iniciado com a discussão das perspectivas adotadas por Peirce e Saussure, de onde advém a adoção de dois termos para designar a mesma disciplina, um proveniente da orientação peirceana: SEMIÓTICA, e o outro de origem saussuriana: SEMIOLOGIA. Neste item trata-se da hipótese levantada por Roland Barthes segundo a qual um dia teríamos de inverter o postulado de Saussure que via a linguística como parte de uma ciência ge-



ral dos signos em processo de constituição.

Em decorrência da grande repercussão da linguística estrutural e do seu papel balizador no âmbito das ciências humanas, Barthes vislumbrava a linguística como uma ciência piloto por excelência. Já Umberto Eco, inicialmente partidário da perspectiva saussuriana, aceitou a proposta da Associação Internacional de Semiótica, predominantemente-

mente ligada ao espectro lógico de Pierce.

Com o título de “Primeiras investigações semióticas na história da filosofia”, o segundo capítulo quer demonstrar a contribuição inicial dos sofistas, recuperada pelos clássicos Platão e Aristóteles, incluindo em seguida os estudos dos doutores da igreja, Agostinho e Tomás de Aquino, até chegar à chamada Ciência Nova, de Giambattista Vico, no Iluminismo.

É na teoria do conhecimento de John Locke que vai ser discutido o conceito e o termo *semeiotiké*, difundido por este pensador seminal do empirismo inglês. Na mesma época, Leibniz e, em seguida Condillac vão deixar assentadas impor-

tantes contribuições ao estudo dos sistemas simbólicos.

No quarto e no quinto capítulos vamos ter oportunidade de abordar com mais propriedade os conceitos do simbólico e do sógnico, ressaltando o alcance filosófico das lições de Saussure e a conexão das suas teorias com a descoberta de Freud.

Diferentemente da maioria dos estudiosos que caracterizam o simbólico sem perceber com a necessária clareza um fato essencial para a compreensão do pensamento humano e o posterior funcionamento de um cérebro eletrônico ou de uma máquina de pensar. Tanto Saussure quanto Freud estabelecem uma espécie de imanência da língua, ou mesmo da busca de algo que está inseparavelmente constituído na

natureza do ser ou do objeto do conhecimento.

Evidencia-se aí a importância da compreensão do signo linguístico por ambos os pioneiros. Enquanto a maioria dos autores dá relevo aos objetos do mundo concreto, Saussure e Freud destacam a construção psíquica dos objetos que fundam a realidade humana.

Com o pretexto de estabelecer uma psicologia útil aos seus pares, neurologistas, Freud demonstrou ainda no final do século XIX como a língua atua sobre os neurônios de modo a possibilitar a transformação de meras excitações transmitidas pelos sentidos em percepções fixadas na memória.

Como muitos filósofos, ao formular seus conceitos, estiveram por

largo tempo preocupados com a coerência dos mesmos aos princípios idealistas, de um lado, ou materialistas, do outro, esse rigor de pertencimento pode ter impedido que uns e outros aproveitassem as contribuições baseadas em fundamentos filosóficos contrários. Cerca de cinquenta anos antes do início das primeiras proposições de Freud e de Saussure, Marx e Engels com a crítica que fizeram ao materialismo alemão puderam resolver o impasse com a constituição do que chamaram de materialismo dialético, já que para os defensores dessa corrente o idealismo seria algo incompatível com o avanço da razão prática.

Por algum tempo, o materialismo mais primitivo estabeleceu a crença segundo a qual todo idealis-

mo redundaria em uma concepção do mundo confinada aos limites da religiosidade e das mitologias de percepção pouco elaborada do mundo.

No último capítulo, as proposições essenciais do criador da linguística moderna são reiteradas através dos ensinamentos de Louis Hjelmslev.

Do mesmo modo que, para Saussure, o significante expressa e constrói um significado — posto que o significado não se confunde com a coisa, mas é constituído por uma ideia —, para Hjelmslev, a expressão se refere a um conteúdo, ambos entendidos como constituintes da função semiótica.

O trabalho lembra por fim que, no campo rigoroso de uma metalinguística,

guagem da filosofia, o termo *realidade* significa para o ser humano “realidade psíquica” ou “realidade simbólica”; isto desde que a obra de Ernst Cassirer trouxe novas luzes, sugerindo a substituição da expressão *animal racional* por *animal simbólico*.

---

SEIXAS, Cid. Introdução ao livro *Percurso da linguística à semiótica*. Salvador, E-Book.Br, 2019, p. 15-20.